

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

JADER GUSTAVO DE CAMPOS SANTOS

**DIÁRIO DE CAMPO DE UM AGRICULTOR INICIANTE: REGISTROS DA ATUAL
CONJUNTURA DE EGRESSOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CORNÉLIO PROCÓPIO
2018

JADER GUSTAVO DE CAMPOS SANTOS

**DIÁRIO DE CAMPO DE UM AGRICULTOR INICIANTE: REGISTROS DA ATUAL
CONJUNTURA DE EGRESSOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina TCC 2, do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Cornélio Procópio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado.

Orientadora: Profa. Dra. Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa

CORNÉLIO PROCÓPIO
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Cornélio Procópio
Diretoria de Graduação
Departamento de Matemática
Curso de Licenciatura em Matemática



FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Línyla Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa
(orientadora)

Henrique Rizek Elias

Mirian Maria Andrade Gonçalves

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

À minha mãe que sempre me apoiou para que eu pudesse concluir o curso de Licenciatura em Matemática.

Dedico também este trabalho a todos os que morreram lutando para garantir dignidade e acesso à educação ao povo brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter aberto as portas certas em minha vida e por ter me guiado nos momentos mais difíceis durante a jornada pela busca de conhecimento.

À minha família por ter compreendido a minha ausência em alguns momentos para que eu pudesse concluir esse trabalho.

Também à minha Orientadora Dra. Línlya Sachs pelo incentivo, simpatia e presteza no auxílio às atividades e discussões que me fizeram enxergar que o ensino da matemática vai muito mais além do que definições, teoremas, proposições, etc.

À professora Mirian Maria Andrade Gonçalez, que além das contribuições para a minha formação nas disciplinas, me auxiliou no decorrer desta pesquisa.

Ao professor Henrique Rizek Elias, da UTFPR-Londrina, pelas contribuições feitas ao longo do trabalho, que me ajudaram no aprimoramento da pesquisa que aqui apresento.

A todos os professores que tentaram compartilhar um pouco do seu conhecimento, contribuindo para a formação e estimulando o pensamento crítico.

Aos amigos que fiz durante o período em que estive no curso de Licenciatura em Matemática, em especial à Larissa Gehrinh Borges pelas parcerias e aventuras compartilhadas e à Grasielly dos Santos de Souza pelos momentos de descontração e angústias compartilhados.

Ao pessoal do grupo de pesquisa Educação Matemática do Campo da UTFPR – Campus Cornélio Procopio, pelos conhecimentos compartilhados nas reuniões e que ajudaram na minha formação profissional e humana.

Aos egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, que gentilmente colaboraram com a pesquisa por meio das entrevistas realizadas.

E por último, aos que de uma forma direta ou indireta auxiliaram para a realização deste.

“A educação do campo do povo agricultor
precisa de uma enxada, de um lápis, de um trator
precisa educador pra tocar conhecimento
o maior ensinamento é a vida e seu valor [...]”
(SANTOS, 2006a)

“Não vou sair do campo pra poder ir pra escola
Educação do campo é direito e não esmola [...]”
(SANTOS, 2006b)

RESUMO

SANTOS, Jader Gustavo de Campos. **Diário de Campo de um Agricultor Iniciante: registros da atual conjuntura de egressos dos cursos de licenciatura em educação do campo com habilitação em matemática**. 2018. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2018.

A luta do povo das comunidades rurais e movimentos sociais por uma educação que reconheça e valorize as especificidades do campo resultou em políticas públicas que foram implementadas visando a melhoria nas escolas do campo. Nesse contexto, surgiram os cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Esses cursos foram criados por meio de editais específicos do Ministério da Educação com objetivo de formar professores para atuar em escolas do campo nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, visto que uma pesquisa realizada em 2005 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais apontava que mais da metade dos professores das escolas da zona rural não possuía ensino superior. Desta forma, busquei olhar para os cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática que estão em funcionamento no país. Para este trabalho, foi feito um mapeamento dos cursos existentes e a partir daí foram feitas entrevistas com egressos de alguns desses cursos na tentativa de conhecer as oportunidades, as dificuldades e os desafios enfrentados por eles. Para isso, utilizei como aporte teórico e metodológico a História Oral. O texto final traz uma narrativa escrita a partir das fontes históricas utilizadas na pesquisa, no qual eu conto a história de três professores, egressos de cursos de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática.

Palavras-chave: Educação Matemática. Educação do Campo. Licenciatura em Educação do Campo. Formação de Professores. História Oral.

ABSTRACT

SANTOS, Jader Gustavo de Campos. **Field Diary of a Beginner Farmer**: records of the current situation of Egresses of the Undergraduate Courses in Rural Education with Qualification in Mathematics. 2018. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2018.

The struggle of the people of rural communities and social movements for an education that recognizes and values the specificities of the countryside has resulted in public policies that have been implemented aiming at improving the rural schools. In this context, Degree courses in Rural Education appeared. These courses were created through specific announcements from the Ministry of Education to train teachers to work in rural schools in the final years of Elementary School and High School, since a survey conducted in 2005 by the National Institute of Educational Studies and Research pointed out that more than half of rural school teachers did not have higher education. In this way, I have tried to look for the Degree courses in Rural Education with qualification in Mathematics that are in operation in the country. For this work, a mapping of the existing courses was done and from that, there were interviews with graduates of some of these courses in an attempt to know the opportunities, difficulties and challenges faced by them. For that, I used as a theoretical and methodological contribution Oral History. The final text brings a narrative written from the historical sources used in research, in which I tell the story of three teachers, graduates of degree courses in Rural Education with Qualification in Mathematics.

Keywords: Mathematics Education. Rural Education. Degree in Rural Education. Teacher training. Oral History.

LISTA DE SIGLAS

ABCDE	Autarquia Belemita de Cultura, Desportos e Educação
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PSS	Processo Seletivo Simplificado
TCC2	Trabalho de Conclusão de Curso 2
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFVJM	Universidade Federal do Vale dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRR	Universidade Federal de Roraima
UnB	Universidade de Brasília
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

LISTA DE ACRÔNIMOS

GHOEM	Grupo História Oral e Educação Matemática
IFES	Instituições Federais de Educação Profissional
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
Procampo	Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo
Pronacampo	Programa Nacional de Educação do Campo
Pronera	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
Secadi	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Setec	Secretaria de Educação Profissional e Tecnologia
SESu	Secretaria de Educação Superior
Unicentro	Universidade Estadual do Centro Oeste
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Uneal	Universidade Estadual de Alagoas
Uneb	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
Unifesspa	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros
Unioeste	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Unitau	Universidade de Taubaté
Urca	Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

INÍCIO: A ESCOLHA DA SEMENTE.....	11
HÁ ALGUMA FORMAÇÃO PARA ATUAR NO CAMPO?	15
O PREPARO DA TERRA.....	17
CUIDADOS COM A PLANTA.....	24
A FERRAMENTA ADEQUADA PARA O MANUSEIO.....	28
FRUTOS COLHIDOS.....	30
BALANÇO DA COLHEITA: E AGORA, O QUE FICA DOCUMENTADO?	50
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE	59
Apêndice A – Carta de Cessão de Adilson	59
Apêndice B – Carta de Cessão de Ângela.....	60
Apêndice C – Carta de Cessão de Priscila	61

INÍCIO: A ESCOLHA DA SEMENTE

As plantas são seres esplêndidos que carregam a missão de manter a vida no planeta produzindo oxigênio, contudo, algumas plantas ultrapassam tal feito ao servir também como alimento para a humanidade.

Apesar da importância das plantas para as nossas vidas, nós, muitas vezes, não percebemos o quão frágil elas são e os cuidados necessários para que possam crescer e desempenhar seu papel.

A educação, assim como uma planta, precisa de cuidados diários para que cresça e dê bons frutos.

Acreditando nessa afirmação, minha intenção, neste trabalho, é sair do papel de pesquisador observador do objeto de estudo, me incluindo como parte do movimento que defende a educação do campo. Assim, meu papel aqui não é apenas trazer resultados dos estudos realizados, mas de alguma forma ajudar nos cuidados necessários para que a educação possa produzir frutos apessoados.

Uso algumas metáforas¹ para nomear os capítulos deste trabalho e, para entendê-las, sugiro comparar a pesquisa aqui apresentada, com uma planta cultivada por um agricultor.

Entretanto, visto que alguns termos ora são empregados com sentido metafórico, ora são utilizados em seu sentido literal, para que não haja confusões ao leitor, no decorrer do texto os termos em itálico fazem referência ao sentido metafórico que, quando necessário, será apresentada explicação entre parênteses na primeira vez em que os uso.

Optei também por chamar os autores pelo primeiro nome, para dar leveza e um tom mais acolhedor a você, caro leitor. Entretanto, deixo claro que, com isto, meu intuito não é inferiorizar as ideias dos autores que me dão apoio teórico, mas sim torná-los mais próximos dos que se interessam pelo tema aqui tratado.

A escolha da *planta* que pretendo cultivar foi motivada por uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que revelou que, em 2005, dos 327.176 professores que lecionavam nas escolas do campo em todo o país, 65,1% não tinham formação em nível superior (INEP, 2007).

¹ A justificativa para o uso de metáfora e da escrita em primeira pessoa será feita no decorrer do texto.

A falta de formação dos professores apontada pelo Inep e o crescente fechamento das escolas do campo alertado por Maria Antônia que vem ocorrendo desde a década de 1980 (SOUZA, 2012), com a diminuição da população rural no país, me fizeram enxergar que uma *espécie* em particular, que chamo aqui de educação do campo, está carecendo de cuidados para que não corra o risco de chegar à extinção.

Nesse sentido, a escolha da semente define o resultado da lavoura, portanto, decidi cultivar uma *semente* que acredito que possa ajudar a preservar a educação do campo, pois como um futuro *agricultor* (pesquisador) acredito que, ao cultivar essa *planta*, eu terei bons frutos durante o período da colheita.

Porém, como um *agricultor* iniciante e sem prática no cultivo da variedade que pretendo cultivar, precisarei me apoiar em *agricultores* experientes e que já dominam o cultivo da planta escolhida, conhecem as ferramentas mais adequadas para o manuseio e desenvolveram técnicas que podem me ajudar nessa tarefa que me proponho a fazer.

Dessa forma, para apresentar o contexto da educação do campo em suas propostas, farei uso das palavras de Roseli, uma *agricultora* que com sua vasta experiência reconhece que a educação do campo não é uma proposta de educação, mas enquanto crítica da educação em uma realidade historicamente determinada, afirma a luta por uma concepção de educação (e de campo) (CALDART, 2009, p. 40).

Roseli enumera algumas interrogações que se colocam para a constituição de uma teoria pedagógica para a educação do campo. Primeiro, no que se refere às contribuições que as experiências com movimentos sociais podem dar à proposta pedagógica que se constrói: “Que lições de pedagogia é possível apreender da vivência em processos de luta social e organização coletiva para diferentes práticas pedagógicas, inclusive aquelas desenvolvidas na escola?” (CALDART, 2009, p. 43-44). Segundo, nas relações entre educação e trabalho, tanto no sentido de entender o trabalho como uma prática emancipatória, quanto na escola como espaço de formação para o mundo do trabalho. “Qual a potencialidade formadora e deformadora das diferentes formas de trabalho desenvolvidas atualmente pelos trabalhadores do campo?” (p. 44). Por fim, no que tange ao acesso ao conhecimento e, mais que isso, à “produção do conhecimento, implicando outras lógicas de

produção e superando a visão hierarquizada do conhecimento própria da modernidade capitalista” (p. 44).

Neste último ponto é que me deterei aqui. Roseli alerta:

Esta compreensão sobre a necessidade de um “diálogo de saberes” está em um plano bem mais complexo do que afirmar a valorização do saber popular, pelo menos na discussão simplificada que predomina em meios educacionais e que na escola se reduz por vezes a um artifício didático vazio. O que precisa ser aprofundado é a compreensão da teia de tensões envolvida na produção de diferentes saberes, nos paradigmas de produção do conhecimento. E do ponto de vista metodológico isso tem a ver com uma reflexão necessária sobre o trabalho pedagógico que valorize a experiência dos sujeitos (Thompson) e que ajude na reapropriação (teórica) do conhecimento (coletivo) que produzem através dela, colocando-se na perspectiva de superação da contradição entre trabalho manual e trabalho intelectual, que é própria do modo de organização da produção capitalista. (CALDART, 2009, p. 45)

Nessa mesma perspectiva, abre-se espaço para outros conhecimentos que não fazem parte do currículo escolar. Enfatizo que esse movimento vai muito além de uma simples inserção na escola de “outros” saberes ou de alavancas para, saindo de um saber dito popular, chegar ao saber já sistematizado.

Nesse sentido de alavanca, estudos como o de Gelsa e Claudia tratam das fragilidades desse tipo de entendimento (KNIJNIK & DUARTE, 2010). Línlya também afirma que:

[...] os conhecimentos que os estudantes trazem da “realidade” ou do cotidiano não podem servir de forma de atribuição de significados aos conhecimentos curriculares de matemática; tratam-se de contextos diferentes e os significados de um tipo de conhecimento não podem ser transpostos ao outro (BARBOSA, 2015, p. 11).

Assim, compreender que o diálogo de saberes é, como afirma Roseli, muito mais complexo do que alguns discursos pedagógicos o fazem parecer. Se se procura valorizar saberes e incorporá-los na formação dos estudantes, viabilizando discussões sobre a produção e disseminação do conhecimento, em uma perspectiva crítica e política, os saberes advindos do campo não podem ser entendidos como ponto de partida para alcançar aqueles já escolarizados (CALDART, 2009).

Agora, com a semente escolhida, eu volto o meu olhar para uma questão de grande importância: a formação dos professores. Essa discussão se faz necessária, uma vez que uma formação apropriada do professor é fundamental para o desenvolvimento adequado da *planta*.

Algumas ações visando o cuidado da educação do campo culminaram na criação de cursos de licenciaturas por áreas de conhecimento com objetivo de

preparar professores para atuar em escolas do campo. Me debruçarei sobre a criação desses cursos mais adiante, mas é justamente aqui que justifico a pesquisa que me propus a fazer.

Assim, a justificativa para a realização deste trabalho é pautada em indagações acerca de uma demanda, identificada pelo Inep e reafirmada pelo povo do campo, que culminou na criação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo, que hoje, já possui egressos.

A demanda identificada tem sido suprida por egressos de cursos de Licenciatura em Educação do Campo? Será que professores formados em cursos de Licenciatura em Educação do Campo estão se inserindo nas escolas do campo? Há o reconhecimento legal desses profissionais, ou as ações afirmativas do poder público previram somente a formação e esqueceram de criar condições de acesso desses profissionais na escola do campo? Portanto, a motivação para este trabalho é tentar buscar respostas para essas perguntas.

Mas, antes, é preciso conhecer um pouco mais sobre o manuseio adequado da *planta*, como se iniciaram os primeiros plantios e os locais onde eles ocorreram.

HÁ ALGUMA FORMAÇÃO PARA ATUAR NO CAMPO?

Ao ler sobre os primeiros *cultivos da semente* escolhida para a plantação, percebo que, desde o surgimento do movimento “Por uma Educação do Campo”, na I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada no município de Luziânia, no Estado de Goiás, em 1998, há uma preocupação com a formação de professores e as particularidades da Educação do Campo.

No documento final da conferência, consta como um dos compromissos e desafios “Formar educadoras e educadores do campo”:

A Educação do Campo deve formar e titular seus próprios educadores, articulando-os em torno de uma proposta de desenvolvimento do campo e de um projeto político-pedagógico específico para as suas escolas.
A Escola que forma as educadoras/educadores deve assumir a identidade do campo e ajudar a construir a referência de uma nova pedagogia (CONFERÊNCIA NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO, 2011, p. 162-163).

Os resultados dessa mobilização podem ser vistos tanto em políticas públicas de âmbito nacional – lançadas por meio do Ministério da Educação (MEC) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) –, mas também de âmbitos regionais e estaduais.

Nesse sentido, o Incra, a partir da “luta dos movimentos sociais e sindicais de trabalhadores rurais pelo direito à educação com qualidade social” (BRASIL, 2004, p. 11), cria, em 1998, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera).

As primeiras ações visando a formação dos professores começaram a aparecer com a criação dos cursos de Pedagogia da Terra. De acordo com Fernando (MARTINS, 2012), entre os anos de 1998 e 2002, foram sete experiências de cursos e, entre 2003 e 2007, como afirma Charlene, essa experiência se ampliou, passando a ter como articulador a Via Campesina, um movimento internacional que agrega vários movimentos sociais ligados ao campo (SANTOS, 2016, p. 25).

Os cursos de Pedagogia da Terra prepararam os primeiros professores para o manuseio adequado da *semente* e apesar do bom desenvolvimento das primeiras *plantas*, os cursos de Pedagogia não eram suficientes para suprir a demanda de formação de professores, já que, também, os professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio necessitavam de formação. Por conta disso, surgiram os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação nas áreas específicas para atuação nesses níveis de ensino.

Para Larissa e Línlya, esses cursos de licenciatura são ações afirmativas resultantes de “muita pressão exercida pelos movimentos sociais organizados do campo para mudança da realidade” (BORGES; SACHS, 2017, p. 2) e surgem com a criação do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), lançado em 20 de março de 2012 e instituído legalmente em 1 de fevereiro de 2013.

Este Programa incluiu, como um dos eixos estruturantes, o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), voltado para a formação inicial e continuada dos profissionais que atuam ou possam vir a atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio em escolas do campo (BRASIL, 2013).

Os cursos já eram oferecidos desde 2007 como experiências-piloto, antes mesmo da implantação do Procampo. A partir das experiências-piloto, foram lançados dois editais com objetivo de ampliar a oferta de cursos no país: um em 2009 e um em 2012, que contaram com incentivos financeiros do Governo Federal, de modo que as Instituições Públicas de Ensino Superior interessadas submeteram propostas por meio desses editais publicados pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão² (Secadi), vinculada ao MEC.

Assim, percebo que, com o surgimento dos primeiros cursos visando uma formação mais apropriada aos professores para o *cultivo* da educação do campo, o passo seguinte a se pensar é o *preparo da terra*. Tal procedimento é tão importante quanto os anteriores, pois há diversas variedades da planta e cada uma delas pode necessitar de quantidades diversas de adubo, o solo que irá receber a planta também deve estar preparado para que ela cresça e se desenvolva da maneira esperada. Portanto, a seguir, me dedicarei a tratar dessas questões.

² Até 2011 era denominada Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) que após reestruturação do Ministério da Educação, passou a ser denominada Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) (BRASIL, 2011).

O PREPARO DA TERRA

Até aqui, já com a educação do campo como a *espécie* que motivou a escolha da *planta* para a ser cultivada, ao olhar para os cursos de licenciatura que surgiram por meio do Procampo, percebo que os cursos contêm especificidades que são definidas em razão das variedades existentes dessa *planta*. Por conta disso, buscarei olhar para os cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática.

Assim, tomei como base o levantamento feito por Línlya sobre os cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática oferecidos no Brasil, que apontava que “das 65 instituições com projetos aprovados nos editais, no segundo semestre de 2013, 25 tinham o curso em andamento com habilitação em Matemática – ou alguma que englobasse Matemática, como Ciências da Natureza e Matemática” (BARBOSA, 2014, p. 105).

Entretanto, ao considerar que, nesse espaço de tempo (2013-2017), o cenário político brasileiro passou por modificações com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, a ascensão do vice-presidente Michel Temer ao cargo de presidente da república e conseqüentemente a substituição da equipe da Secadi, decidi atualizar tal levantamento.

O caminho começou com uma busca dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo em funcionamento no país que oferecessem habilitação em Matemática. O mapeamento contou com o auxílio de duas ferramentas: o site e-MEC³ e os resultados dos editais públicos de 2009 e de 2012, citados acima.

Esse foi um processo longo e difícil, pois as informações necessárias para o mapeamento que foi realizado estavam fragmentadas. Desta forma, foi necessário cruzar informações coletadas de locais distintos para que eu pudesse chegar aos cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática que estivessem em funcionamento.

Assim, a partir da listagem dos resultados desses editais, eu tinha em mãos instituições potenciais a oferecerem cursos de Licenciatura em Educação do Campo, mas não sabia se os cursos tinham sido, de fato, iniciados, se ainda estavam em funcionamento e se tinham habilitação em Matemática. Para sanar as duas

³ O site <http://emec.mec.gov.br/>, do Ministério da Educação disponibiliza uma base de dados com informações sobre todos os cursos de ensino superior do país.

primeiras questões, utilizei o site e-MEC e, em caso de serem respostas positivas, procurei, nos sites das instituições, informações sobre os cursos e, assim, pude saber se havia a habilitação desejada.

Junto a esse processo, também, busquei instituições que oferecessem esses cursos, mas que não tivessem sido contempladas nos editais da Secadi com apoio financeiro e que optaram por ofertar o curso com financiamento mantido pelos recursos da própria instituição.

Para isso, acessei, no site e-MEC, a opção “Consulta Avançada” e digitei a palavra “campo”. Como resultado, apareceram diversos cursos e, destes, foram descartados aqueles que, pelo nome, já insinuavam não possuir habilitação em Matemática, como por exemplo, “Pedagogia do Campo”. Com essa nova listagem, realizei o mesmo processo de acesso aos sites das instituições para saber se ofereciam habilitação em Matemática.

Dessa forma, constituí o quadro 1, com 36 cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática em funcionamento em outubro de 2017.

Quadro 1. Cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática em funcionamento em outubro de 2017.

Estado	Cidade	Instituição	Habilitação do curso	Observação
AL	Arapiraca	Universidade Estadual de Alagoas (Uneal)	Ciências da Vida e da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
BA	Salvador	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Ciências da Natureza e da Matemática	Edital de 2009 – Procampo
BA	Itaberaba	Universidade do Estado da Bahia (Uneb)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
BA	Feira de Santana	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Matemática	Edital de 2012 – Procampo
CE	Juazeiro do Norte	Universidade Regional do Cariri (Urca)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
DF	Planaltina	Universidade de Brasília (UnB)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 e Edital de 2012 – Procampo

GO	Cidade de Goiás	Universidade Federal de Goiás (UFG)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2012 – Procampo
MA	São Luís	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2012 – Procampo
MA	Bacabal	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 e Edital de 2012 – Procampo
MG	Belo Horizonte	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Matemática	Edital de 2009 – Procampo
MG	Uberaba	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2012 – Procampo
MS	Campo Grande	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)	Matemática	Edital de 2012 – Procampo
PA	Abaetetuba	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Matemática	Edital de 2012 – Procampo
PA	Marabá	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Matemática e Sistemas de Informação	Edital de 2012 – Procampo
PA	Abaetetuba	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Altamira	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Belém	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Bragança	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Breves	Instituto Federal de Educação, Ciência e	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo

		Tecnologia do Pará (IFPA)		
PA	Castanhal	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Conceição do Araguaia	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Marabá	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Santarém	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Tucuruí	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PA	Marabá	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)	Matemática	Não consta nos resultados dos Editais de 2009 e 2012.
PB	Sumé	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Ciências Exatas e da Natureza	Edital de 2009 – Procampo
PE	Belém de São Francisco	Autarquia Belemita de Cultura, Desportos e Educação (ABCDE)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PI	Jaicós	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PI	Oeiras	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo
PR	Dois Vizinhos	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 e Edital de 2012 – Procampo
PR	Cascavel	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo

		(Unioeste)		
PR	Laranjeiras do Sul	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2012 – Procampo
RJ	Santo Antônio de Pádua	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Ciências da Natureza (Física, Química, Biologia e Matemática)	Edital de 2012 – Procampo
RR	Boa Vista	Universidade Federal de Roraima (UFRR)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 e Edital de 2012 – Procampo
SC	Florianópolis	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 e Edital de 2012 – Procampo
SP	Taubaté	Universidade de Taubaté (Unitau)	Ciências da Natureza e Matemática	Edital de 2009 – Procampo

Fonte: produzido pelo autor

A partir do quadro 1, produzido por meio das consultas sobre os cursos, com ajuda da ferramenta BatchGeo⁴ que permite criar mapas utilizando dados cartográficos do Google Maps, construí o mapa dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática, que pode ser visto na figura 1.

Ao observar o mapa apresentado na figura 1, é possível verificar que a maioria dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática em atividade se concentra nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Na Região Norte do país, os Estados como Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Tocantins; na Região Nordeste, os Estados do Rio Grande do Norte e Sergipe; na Região Centro Oeste, o Estado do Mato Grosso e o Distrito Federal; na Região Sudeste, o Estado do Espírito Santo e, na Região Sul, o Estado do Rio Grande do Sul, não possuem cursos com habilitação em Matemática em atividade atualmente.

⁴ O mapa criado no site BatchGeo© está disponibilizado online e pode ser acessado através do link <https://pt.batchgeo.com/map/8a6b68233221348e0d7e0c99f3e8a309>

Figura 1. Mapa dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática



Fonte: produzido pelo autor

Em um primeiro momento, ao se deparar com o quadro dos cursos em funcionamento, pode parecer que há um número considerável de cursos, entretanto, ao considerar que o último edital da Secadi foi publicado em 2012, muitos dos cursos não possuem oferta anual de vagas para novas turmas. Entretanto, é impossível precisar quais destes cursos continuarão.

Além disso, a Nota Técnica Conjunta nº. 3/2016 da Secadi, da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e da Secretaria de Educação Superior (SESu), orienta as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) a institucionalizar

os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, incluindo esses cursos ao elenco da oferta regular de cursos de graduação (BRASIL, 2016).

Este documento emitido pelas secretarias ligadas ao Ministério da Educação mostra que as instituições que tiverem interesse em manter os cursos não contarão com o apoio financeiro específico dos editais e isso poderá fazer com que algumas universidades não abram novas turmas.

Entretanto, ao refletir sobre a minha inquietação que foi motivada pelo cenário apontado pelo Inep no levantamento realizado sobre a formação dos professores que atuavam em escolas do campo em 2005 e tendo em vista os cursos elencados no quadro 1, pretendo dialogar com egressos desses cursos no intuito de saber se eles estão atuando em escolas do campo, os desafios e dificuldades enfrentadas durante a realização do curso e após a conclusão destes.

Sendo assim, pretendo trazer na sequência os cuidados necessários com a *planta*, trazendo os passos que usarei para a realização das entrevistas com os egressos, o roteiro pretendido e a fundamentação teórica e metodológica da História Oral que será empregada neste trabalho.

CUIDADOS COM A PLANTA

Cuidar das plantas não é uma tarefa difícil, mas exige alguns conhecimentos básicos para que ela cresça bonita e saudável. Uma vez que já tenho a *planta* escolhida e tomei os devidos cuidados com a terra, preciso ter em mente que as condições ideais para o desenvolvimento dessa planta são as que mais se aproximam do seu ambiente nativo.

Desta forma, é preciso se atentar a alguns detalhes como por exemplo: se a planta está se adaptando bem ao local ou se há a incidência de sol em excesso que acaba deixando a planta com as folhas amareladas ou ainda se as folhas estiverem escuras é provável que haja falta de luz; se a rega está sendo feita na dosagem certa, pois tanto o excesso quanto a falta de água prejudicam o desenvolvimento da planta; se necessário, adubar a terra, o adubo na dose certa é muito bom, mas adubo demais pode matar sua planta.

Porém, ao me deparar com os vários fatores que podem influenciar no crescimento de uma planta e ainda, como um *agricultor* iniciante que sou, percebo a importância em se escolher uma metodologia adequada para esta pesquisa, de modo que a *semente* da educação do campo que estou cultivando possa germinar, crescer e gerar bons frutos.

Assim,

quando ficamos paralisados/as ao tomar decisões metodológicas, devemos ter muito claro que o problema certamente não é nosso despreparo na utilização de instrumento, técnicas ou métodos, mas sim a incapacidade ou inadequação dos métodos, supostamente disponíveis, para dar conta das formas emergentes de problematização. A episteme moderna engendrou lentes e luzes tão ardilosamente dispostas, que apenas podemos vislumbrar algo se usarmos um determinado tipo de óculos. Tudo o mais são “outros” que mal e mal se movem na obscuridade (COSTA, 1996 p. 12).

Portanto, ao considerar que os pensamentos estruturados pela ciência moderna para ditar verdades nas pesquisas não se adequam ao que apresento neste texto, uma vez que essa definição de certo e errado, bom e mau, falso e verdadeiro, imposta pela ciência e criticada por Marisa, não podem garantir os resultados esperados. Justifico, assim, porque decidi escrever em metáforas, em primeira pessoa e, ainda, capítulos que fogem ao padrão imposto por pesquisadores que dizem o que é ciência. São escolhas que fiz apoiadas por Marisa, são “saídas, frestas, desvios para escapar das grades totalizantes e homogeneizadoras das

grandes metanarrativas e buscar possibilidades para a singularização” (COSTA, 1996, p. 13).

Retomando o caminho da pesquisa, tendo em mãos a lista dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática em funcionamento, o passo seguinte foi a realização das entrevistas com alguns egressos desses cursos.

A escolha dos colaboradores⁵ seguiu alguns critérios. O primeiro deles era que o colaborador fosse egresso de um curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática. O segundo critério foi conseguir o contato de possíveis colaboradores, desta forma, após contatar algumas pessoas ligadas à parte desses cursos, obtive o endereço de *e-mail* de alguns egressos dos cursos da UTFPR, da UFVJM e da Unicentro. Entretanto, destaco que os cursos da UFVJM e da Unicentro com habilitação em Matemática foram extintos, por isso não aparecem no quadro 1.

O critério seguinte foi o aceite ao convite feito para colaboração no trabalho por meio da concessão de entrevista e revisão do texto gerado a partir dela. E por último, um outro critério adotado foi que houvesse a participação de pelo menos 1 egresso de cada uma das instituições da qual eu havia feito o contato.

Dessa forma, após alguns percalços, eu consegui compor um grupo de 3 colaboradores, de cursos distintos para a realização das entrevistas.

Saliento que, como o meu objetivo aqui não está em quantificar as informações fornecidas pelos egressos, mas compreender a trajetória que os levaram à escolha do curso, a proximidade com o campo e também as oportunidades e dificuldades enfrentadas por eles, após a conclusão do curso, no que diz respeito à atuação como docente e, ainda, tendo em vista a História Oral como aporte teórico e metodológico da qual me apoiei durante esse processo, julgo suficiente o número de entrevistas que realizei.

Na História Oral, em geral, as entrevistas ocorrem de maneira presencial; entretanto, como se tratam de cursos geograficamente distantes do local onde estou realizando a minha pesquisa, a alternativa encontrada para a realização das entrevistas foi utilizar a tecnologia por meio de aplicativos que permitem a troca de mensagens em tempo real (por exemplo Skype ou Facebook Messenger) e que

⁵ Optei, baseado na abordagem adotada pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), por utilizar o termo “colaborador” ao invés de “depoente” ou “entrevistado”, visto que esse sujeito, de fato, colabora para a constituição de fontes históricas.

dispõem de recursos de fala, para que eu pudesse conversar com os egressos dos cursos.

Para a condução das entrevistas com os egressos, elaborei um roteiro com base nas minhas indagações acerca dos desafios e dificuldades enfrentados por eles durante e após a conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Segue o roteiro elaborado com as questões para as quais procurei olhar:

- Apresentação do entrevistador e da proposta da pesquisa.
- Apresentação do colaborador da pesquisa. Fale sobre a sua formação, a Universidade e o ano em que você se formou.
- Comente sobre a sua relação com o campo.
- Fale sobre os caminhos que o levaram a escolher o curso de Licenciatura em Educação do Campo.
- Comente sobre as suas experiências profissionais.
- Fale mais sobre as oportunidades (ou dificuldades) de trabalho que você pode perceber como professor formado em um curso de Licenciatura em Educação do Campo.
- Fale sobre a sua visão sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo que você fez.
- A respeito da temática da educação do campo, comente sobre a contribuição do curso para a sua formação. O que poderia ter sido diferente nesse sentido?
- No que diz respeito às disciplinas de matemática presentes no curso, comente sobre como elas contribuíram para a sua formação.
- Com relação às disciplinas de educação e educação matemática, fale sobre a contribuição para a sua formação.
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

As entrevistas, apesar de terem seguido os requisitos científicos que dão legitimidade à metodologia adotada da qual me debruço mais adiante, trazem diálogos entre pesquisador e colaboradores que foram registrados em áudios e que como dizem no campo, mais parecia um “dedo de prosa”.

A partir da realização das entrevistas, o passo seguinte foi a elaboração das transcrições (ou degravações), as textualizações, e com os textos prontos, as

negociações com os colaboradores e as autorizações de uso do material por meio das cartas de cessão.

Para a realização de todas essas ações, contei com o apoio teórico e metodológico da História Oral na Educação Matemática, da qual falarei a seguir.

A FERRAMENTA ADEQUADA PARA O MANUSEIO

Apresento a História Oral como aporte teórico e metodológico, baseado em Antonio Vicente, pois pretendo constituir fontes históricas que servem para focar determinados objetos de pesquisa (GARNICA, 2011). Desse modo, o solo da pesquisa são as entrevistas realizadas com os egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática.

A História Oral, como afirmam Ricardo e Valéria, “pode ser entendida de duas maneiras: como um método que registra memórias narradas, através de entrevistas e como resultado desse método, isto é, como fonte de informações” (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2015, p. 22).

Como um movimento de “contra-história” (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2015, p. 25), as fontes de pesquisa da História Oral são aquelas pessoas a quem não foram atribuídos grandes feitos históricos, no entanto participaram de muitas situações cruciais e possuem informações únicas e privilegiadas de cada fato. Trata-se, portanto, da história proveniente da memória das pessoas comuns, registrada a partir das entrevistas e complementadas, possivelmente, com outras fontes – como arquivos e fotografias.

Ao optar por utilizar a História Oral como metodologia, eu me ateno à existência de duas abordagens que são levantadas por Maria Ednéia, que, apesar de distintas, são bastante próximas: a primeira é a da História de Vida, em que o colaborador conta experiências de sua vida como um todo; e a segunda abordagem é a História Oral Temática, em que, apesar de o colaborador também relatar suas experiências de vida, há o foco em um aspecto definido pelo pesquisador, o que não impede, entretanto, o colaborador de relatar episódios que transcendem essa delimitação (MARTINS-SALANDIM, 2007, p. 23).

Desta forma, para este trabalho, a abordagem que eu utilizei foi a História Oral Temática, por se tratar de uma pesquisa que visou registrar histórias de alguns egressos, tendo como tema central a formação de professores em cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

Especificamente na Educação Matemática, me apoio nas pesquisas realizadas pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), liderado por Antonio Vicente Marafioti Garnica. Entendo assim, a História Oral “como uma metodologia de viés qualitativo a partir de interlocuções com áreas nas quais esse

modo de proceder – e de justificar os procedimentos – já era usual, como a história, a história da educação, a sociologia, a arte, os estudos culturais” (GARNICA, 2015, p. 39). Sigo, ainda, a proposta de trabalhar com narrativas a partir de registros orais, constituindo, assim, fontes historiográficas.

Para servir a pesquisas, usualmente narrativas orais são registradas por escrito devido à durabilidade do suporte e à facilidade de manuseio. Narrativas orais tornadas narrativas escritas são fontes historiográficas legítimas. A história oral é um modo de produzir narrativas orais e com essa finalidade tem sido mobilizada por inúmeros agentes, dentro e fora da academia. Na academia ganha contornos mais rígidos, inscreve-se numa determinada ordem de discurso e passa a ser vista como metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa (GARNICA, 2015, p. 40-41).

Os procedimentos que utilizei aqui podem ser descritos e divididos em quatro momentos:

- (i) a preparação da entrevista, que consiste, primeiramente, na decisão de quem será entrevistado, no contato com a pessoa escolhida, na apresentação da pesquisa, no agendamento da entrevista e, também, na elaboração do roteiro de entrevista;
- (ii) a realização da entrevista, com sua gravação em áudio;
- (iii) a transformação do registro oral gravado em um texto escrito, primeiro com a transcrição literal da entrevista e, depois, com a sua textualização, que é a edição da transcrição, com vistas a retirar do texto marcas da expressão oral e a torná-lo mais “legível”, de modo que o colaborador continue se reconhecendo na fala; e, por fim,
- (iv) a concordância do colaborador com o texto gerado a partir da entrevista (formalizada por meio de uma carta de cessão).

FRUTOS COLHIDOS

Os frutos são estruturas que protegem as novas sementes. Quando as sementes já estão prontas para a germinação, o fruto se rompe liberando-as para o solo. Sendo assim, pode-se concluir que a principal função do fruto é justamente proteger a semente enquanto ela se desenvolve.

Portanto, após todos os cuidados que eu tive com a *planta* até aqui, para que ela pudesse crescer e produzir bons frutos, o momento da colheita chegou. Diante disso, neste capítulo eu me dedico a apresentar os *frutos* colhidos, estes *frutos* são as textualizações construídas a partir das entrevistas, com a concordância dos três colaboradores (conforme descrito anteriormente).

Esses frutos, apesar de terem nascido de uma mesma *planta*, quem os experimenta, consegue perceber que cada um deles possui sabor único, que ora se assemelha, ora se distingue. Utilizo a grafia em itálico para esses textos.

TEXTUALIZAÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

Colaborador: Adilson Vagner de Matos

Data da Entrevista: 20 de fevereiro de 2018.

O meu nome é Adilson Vagner de Matos, eu me formei no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e Matemática, não é uma Licenciatura em Matemática, é em Ciência da Natureza e Matemática. Na época em que eu cursei, a habilitação em Matemática ainda estava junto das Ciências da Natureza. Eu me formei no ano de 2013, na primeira turma, que foi por meio de um projeto específico da Universidade Estadual do Centro Oeste, no município de Guarapuava⁶, Paraná.

Eu sempre morei no campo, desde criança. Meus pais são pequenos agricultores e a gente vem de uma família muito humilde, então, em um determinado período, nós passamos a fazer parte do Movimento Sem Terra, para conseguir um pedaço de terra para trabalhar e, a partir disso que eu tive acesso ao curso de

⁶ Município brasileiro localizado na Mesorregião do Centro-Sul Paranaense, interior do Estado do Paraná.

Licenciatura em Educação do Campo. Eu sempre morei no campo, e sempre trabalhei no campo também como agricultor e, agora, como educador do campo.

O ingresso em um curso de Licenciatura em Educação do Campo não foi uma escolha. Eu sou do município de Nova Cantu⁷, região Centro do Paraná. A gente tinha uma realidade que, apesar de hoje em dia já estar um pouco diferente, mas naquela época a gente que era da roça, do campo, não tinha acesso, nem vislumbrava entrar em um curso de nível superior. Daí essa Licenciatura surgiu, para mim, como uma possibilidade de fazer um curso de nível superior. Eu, naquele momento, não tinha escolha, daí tive acesso a esse curso, inclusive por ser beneficiário da reforma agrária.

Antes de entrar no curso, eu trabalhava especificamente no campo, nas tarefas diversas, na lida com animais, lavoura, como diarista, nas safras. Após o curso, eu passo a me identificar mais enquanto educador popular e atuar junto aos movimentos sociais, principalmente o MST.

Há sete anos eu atuo na Escola Milton Santos que é o Centro de Formação de Agroecologia dos movimentos sociais do campo, no município de Maringá⁸. E, atualmente, eu estou como coordenador pedagógico do curso Técnico em Agroecologia, que funciona por meio de uma parceria da Escola Milton Santos e o Instituto Federal do Paraná, através do Pronera, Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária. Já é a segunda turma do curso que estou acompanhando, mas, durante esse processo, eu atuei também em projetos de formação inicial e continuada com jovens haitianos, em parceria com esse mesmo instituto, além de atuar como professor de Matemática na Educação de Jovens e Adultos, por meio de um projeto também do Pronera, em parceria com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, a UNIOESTE.

Enquanto professor formado em um curso de Licenciatura em Educação do Campo, eu não tive ainda nenhuma dificuldade, e acredito que isso acontece por eu não estar atuando como professor numa escola da rede pública. Talvez por isso eu ainda não tenha vivido essa realidade, que a maioria dos professores enfrentam, na disputa por uma vaga no Processo Seletivo Simplificado, o PSS, ou até mesmo em um concurso para ser professor na rede pública. Na escola em que eu atuo, no

⁷ Município brasileiro localizado na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, interior do Estado do Paraná.

⁸ Município brasileiro localizado na Mesorregião do Norte Central Paranaense, interior do Estado do Paraná.

Centro de Formação, a gente não encontra essas dificuldades, mas eu conheço, eu ouço relatos de diversos colegas que se formaram comigo e estão inseridos na escola tradicional, de que essa é uma dificuldade que todo ano eles têm. Essas dificuldades, um professor formado em um curso de Licenciatura específica já encontra, mas os professores formados por áreas do conhecimento têm encontrado mais resistências ainda. Alguns colegas chegaram a passar em um concurso, mas não tiveram seus cursos reconhecidos como válidos pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, então entraram na justiça. O fato é que nós não estamos sendo reconhecidos, não temos nossa formação reconhecida para atuar nas escolas e isso é muito grave. Um curso que foi reconhecido pelo MEC, teve todos os trâmites legais e foi aprovado na universidade, foi feita a vistoria, não há nenhuma irregularidade e, por uma questão política, muitas vezes as secretarias acabam interferindo quando o pessoal vai pegar aula.

Há uma resistência quanto à formação por área, que eles alegam que é uma formação com um tempo menor para as disciplinas específicas, sendo que o professor que é formado em cursos específicos de Licenciatura estuda quatro anos a mesma disciplina. Se esses professores dessem conta de atuar em escolas do campo, então não teria a necessidade de estar acontecendo a formação por área de conhecimento.

No que diz respeito ao curso de Licenciatura que eu fiz, eu considero que foi muito bom. O curso traz uma grade curricular muito boa e tentou-se abranger o máximo de formação possível. Os professores, em sua maioria, eram muito bons, eu vejo que eles tentaram fazer o melhor, deram o melhor de si para que o curso pudesse ser o mais qualificado possível. Então, eu avalio que foi excelente. Talvez o que ficou mais complicado foi ter tido as Ciências da Natureza e a Matemática juntas. Depois de ter concluído, eu vejo que, talvez, poderia ter sido só uma área ou ter sido mais tempo de formação, já que nós tivemos quatro anos para nos dedicarmos a essas duas áreas e algumas disciplinas ficaram com uma sobrecarga de conteúdos que tiveram que ser trabalhados em muito pouco tempo. Apesar disso, em geral, foi uma experiência fantástica, a nossa turma se dedicava realmente, tinha o compromisso e podemos ver o reflexo dessa dedicação hoje em dia, já que a grande maioria que se formou está atuando em escolas e com um resultado excelente. Eu acho que essa pesquisa que vocês estão desenvolvendo é bacana,

pois mostra que os egressos da Licenciatura em Educação do Campo estão dando conta do recado.

Como complemento, eu quero destacar que esse encontro da universidade com o campo e os movimentos sociais é sempre complicado, porque a formação dos professores que atuam nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo é por disciplinas e a proposta dos cursos é que seja por área do conhecimento. A área do conhecimento não é apenas a integração das disciplinas e, muitas vezes, os cursos acabam fazendo isso, os professores dão suas aulas, mas não há uma relação com a área do conhecimento. Eu falo isso, não como uma crítica, mas é um fato que acontece e, ao meu ver, a universidade não está preparada para fazer a formação por área do conhecimento e essa é uma questão que foi desencadeada pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo e que eu espero que tenha mexido com alguma coisa dentro da universidade, com os coordenadores do curso, pois o nosso curso incomodava muito justamente porque mexia muito com as caixinhas de disciplinaridades.

Porém, apesar da dificuldade de algumas disciplinas em relacionar os conteúdos com a área do conhecimento, principalmente as disciplinas das áreas exatas, o curso inteiro fazia esse exercício, fazia esse esforço, de trazer o campo sempre presente. E, durante todo o curso, nós tivemos uma disciplina de seminário integrador, onde nós fizemos diversas experiências de relação com o campo, de conhecer os movimentos sociais, de conhecer as escolas do campo, de visitar escolas, de visitar acampamentos, assentamentos, visitar os movimentos dos posseiros, tudo isso o curso buscava trazer para dentro da Licenciatura. Isso é de grande valia, pois, mesmo para nós egressos, que, às vezes ainda temos essa dificuldade de trabalhar por área, é um desafio trabalhar com o conhecimento de maneira geral, em sua essência e não apenas enquanto conteúdo de uma disciplina. Mesmo com essa dificuldade, essa provocação de vincular a vida do campo, de vincular as problemáticas da vida no campo, trazendo para sala de aula, eu acho que isso é uma provocação que vai nos acompanhar para o resto da vida. Então, sempre que estivermos na sala de aula, preparando uma aula, vamos ter isso em mente, pois eu acho que temos que saber onde estamos pisando, qual é a realidade que esses educandos estão vivendo, e isso não só no campo, se eu estiver em uma escola da cidade, eu também preciso pensar nisso, se eu tiver numa aldeia indígena, eu preciso pensar esse vínculo, essa relação. Então, eu acho que essa é a

grande contribuição da Licenciatura para nossa formação, esse despertar para nossa realidade, passar a considerar a nossa realidade como coisa importante no processo escolar.

A formação para o ensino da Matemática é uma coisa muito especial, porque existe todo um mito, não somente na Matemática, mas na Física, existe aquele estereótipo de que é muito difícil, que os educandos não gostam, todo mundo odeia a Matemática, então, talvez a Matemática seja a disciplina que tem o maior desafio nessa questão de ser ensinada nas escolas do campo, porque eu vejo que, na Matemática, ela tem duas áreas, ela tem a área aplicada, que é aquela área que salta aos olhos, que você consegue ver a utilidade e que o campo tem muitos recursos para isso, desde a questão do trabalho, a questão das formas que existem no campo, todo cálculo que está impresso ali nas relações de trabalho e comércio, e, por outro lado, tem a área abstrata, que é aí onde a coisa pega. Então, nós fizemos vários exercícios nesse sentido na Licenciatura. Essa coisa de você trabalhar a matemática como uma coisa presente no seu cotidiano, mas, por outro lado, ela tem situações que você tem que abstrair e isso não é impossível de ser feito, isso faz parte da proposta da Educação do Campo, de você partir da realidade, mas não ficar somente na realidade, você precisa avançar para um conteúdo mais complexo, para esse conteúdo mais abstrato, eu acho que essa relação que foi importante a gente ter o contato na Licenciatura.

Nós tivemos fundamentos, os Fundamentos da Matemática, Fundamentos de Física, enfim, e, também, muitas vinculadas à Educação e eu também considero que foi muito oportuno na nossa formação, porque elas trazem esse exercício de você transitar entre as técnicas, os cálculos, as fórmulas, e a realidade. Como partir disso na educação desses jovens, adolescentes que estão estudando? Nessas disciplinas que trazem os fundamentos, a gente aprende muito a questão histórica, como é importante trabalhar a história dos conteúdos e quais são os fundamentos para que o adolescente, o educando, possa ver o fundamento daquilo.

Esses cursos de Licenciatura às vezes são questionados e muitas pessoas não conhecem a proposta, não conhecem qual é a origem dessa proposta. Então, mesmo sabendo que a nossa formação por área tem limitações, até porque os projetos são pilotos, são iniciais, não temos aí uma elaboração mais aprofundada sobre como deve ser um curso por área do conhecimento, mas o que a gente tem verificado na prática é que isso tem dado bons resultados, em que os educadores

saem com uma visão diferenciada, que eles vão para as comunidades com compromisso de fazer uma educação diferenciada. Então eu acho que o mais importante na formação das pessoas é isso, é o aluno sair do curso com compromisso, de além daquilo que você aprendeu, buscar aquilo que você não aprendeu no curso. Eu acho que a Licenciatura em Educação do Campo deixa bastante isso na nossa formação.

TEXTUALIZAÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

Colaboradora: Ângela Rita Teixeira

Data da Entrevista: 21 de fevereiro de 2018.

Eu sou Ângela Rita Teixeira, sou licenciada em Educação do Campo pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a UFVJM. Iniciei o curso em 2010, na primeira turma do PROCAMPO. A diferença do nosso curso para os demais cursos de licenciatura em Educação do Campo é que a gente saiu habilitado em Ciências Humanas, Ciências da Vida e da Natureza e em Matemática, sendo que posteriormente houve algumas mudanças no PPP do curso. Em 2017, concluí uma especialização em Educação do Campo, também pela UFVJM.

Sou filha de pequenos agricultores, a gente vivia da agricultura familiar, plantava para se alimentar, e a vida toda eu vivi no campo, até que eu tive que sair para estudar em um colégio interno próximo a Diamantina⁹, Minas Gerais, em Conselheiro Mata¹⁰, no qual a gente estudava em tempo integral, sendo que o curso trazia uma pedagogia voltada para terra. Então, em um período, a gente tinha as aulas do tempo comum, e em outro a gente tinha as aulas de campo; em que a gente tinha contato com várias disciplinas relacionadas ao campo, então, mesmo quando eu precisei sair para estudar, eu tive uma formação voltada para o campo. Isso aconteceu porque aqui onde eu moro, na zona rural de Itamarandiba⁹, naquela época, não tinha como estudar, então a gente fazia até a antiga 4ª série e depois tinha que sair para estudar e como as famílias que prezavam para que os filhos continuassem estudando, acabavam colocando seus filhos nesse colégio. Assim, mesmo sendo obrigada a sair para estudar, essa formação não me desvinculou do

⁹ Município brasileiro localizado na Mesorregião do Jequitinhonha, no interior do Estado de Minas Gerais.

¹⁰ Distrito do município brasileiro de Diamantina, interior do Estado de Minas Gerais.

campo, pelo contrário, contribuiu para que eu continuasse com os estudos, sempre ligados a ele.

O resultado disso é que já é o décimo quinto ano que eu leciono aqui no campo, voltei para as minhas origens e esse era um dos critérios do edital do curso de Licenciatura da UFVJM. O edital ofertava vagas no curso para professores que atuassem no campo ou que pretendessem atuar no campo, então nesse critério eu me encaixava.

Essa não foi uma trajetória programada, eu nunca tinha ouvido falar nada sobre as Licenciaturas em Educação do Campo, apesar de já ter ajudado a minha mãe, que também é professora, (hoje aposentada pela prefeitura) em uma Pós-Graduação em Educação do Campo pela UNIMONTES¹¹, em 2007. Então, o único momento em que eu ouvi falar sobre a Educação do Campo foi quando a minha mãe fez esse curso e eu a ajudava com os trabalhos, foi meu primeiro contato. Foi então que eu estava na escola e uma secretária veio e me falou sobre esse edital do PROCAMPO da UFVJM, então eu me interessei, sobretudo porque que ela falou que havia uma bolsa-auxílio para que as pessoas pudessem estudar e, como até então eu nunca tinha ouvido falar que houvesse auxílios para as pessoas estudar, isso foi um diferencial, porque na hora eu pensei: “Eu vou fazer esse vestibular porque eu vou ter uma ajuda de custo para me manter lá”. Mas o interesse não foi pelo dinheiro, mas pela possibilidade de estudar, tendo uma ajuda financeira que me possibilitasse me manter lá e isso chamou muito a minha atenção.

Fomos em 6 pessoas daqui da minha região para prestar o vestibular, mas somente eu fui aprovada, então aqui da minha comunidade eu fui a única que fui, embora minha turma tivesse gente de vários lugares.

Nessa época, eu já era habilitada em Ciências Biológicas pela UNIMONTES, por meio de um curso emergencial que teve na minha cidade, Itamarandiba, no qual eu estudava todos os finais de semana e alguns períodos eu ia para Montes Claros, então, por conta disso, eu já era professora aqui.

No meu primeiro ano como docente, eu trabalhei com crianças, porque, naquela época, faltavam profissionais no campo, então a prefeitura havia me contratado. Aí, depois, a legislação foi ficando mais rígida e eu acabei indo lecionar durante um ano na Educação de Jovens e Adultos, nos anos iniciais, então eu dei aula para senhores e senhoras que voltaram a estudar e estavam na escola para

¹¹ Universidade Estadual de Montes Claros.

concluir a antiga 4ª série. Depois, já em 2005, eu comecei a lecionar Ciências em uma escola estadual e estou até hoje.

Entretanto, por conta da Licenciatura em Educação do Campo, eu já lecionei Filosofia, Sociologia, e este ano eu acabei retomando Filosofia que eu gosto muito, por causa da formação em Ciências Humanas e Sociais, pois o curso de Licenciatura em Educação do Campo me habilitou nessas duas áreas, mas eu ainda continuo com a Biologia.

E o que eu tenho a dizer é que a Educação do Campo contribuiu muito na minha prática pedagógica, porque muita coisa melhorou, foram muitas reflexões que me ajudaram a melhorar minha prática pedagógica.

Quanto às dificuldades do profissional egresso do curso de Licenciatura em Educação do Campo, eu destaco o reconhecimento do diploma de um curso com proposta diferenciada, em termo disciplinar, visto que não há um reconhecimento da superintendência e eu vejo que meus colegas enfrentam isso sempre, muitas vezes eles relatam das dúvidas que surgem com a capacidade do profissional em lecionar conteúdos distintos, e mesmo os colegas que se formaram depois de mim também enfrentam essa mesma dificuldade.

Outra dificuldade em lecionar no campo é questão de adaptação do calendário de aulas porque, embora a gente saiba que isto está assegurado na legislação, isso é um problema, ainda mais aqui na nossa região que, por exemplo, quando ocorre o período de chuvas e com as estradas, os alunos acabam faltando muito porque o transporte não funciona, mas, mesmo assim, é muito difícil adaptar o calendário, e isso eu acho um grande embate na nossa realidade, mas que foge ao nosso controle.

Uma outra situação que eu via como dificuldade, voltando a falar do curso, era o ensino, pesquisa e extensão, talvez por eu ter sido da primeira turma, isso não ficou tão óbvio para mim e eu tive muita dificuldade de conciliar esses três eixos do curso. Hoje, isso está mais claro, até porque agora eu acompanho estagiários nas minhas aulas, e eu acompanho o desenvolvimento da Educação do Campo na nossa comunidade, então eu percebo que, para os alunos que estão no curso hoje, o ensino, a pesquisa e a extensão estão mais claros para eles, sendo que na minha época isso não ficou muito nítido.

Quanto às oportunidades, por exemplo, eu destaco que, durante o curso, houve uma formação básica, uma específica e ainda práticas integradoras. Um

exemplo disso é o Caderno da Realidade que fazia parte da pedagogia do nosso curso, e que era muito bom, pois possibilitava o contato com a nossa comunidade, o desenvolvimento de projetos que antes a gente talvez não valorizasse. Ao mesmo tempo que era um desafio, era uma responsabilidade muito grande sair habilitado para lecionar vários conteúdos, mas também foi muito enriquecedor. A questão do regime de alternância também foi uma oportunidade, porque nos permitiu protagonizar muita coisa, eu pude produzir conhecimento, eu pude levar o conhecimento da minha comunidade para dentro da universidade e isso continua acontecendo. Nós, alunos, tivemos a responsabilidade com as informações da comunidade, coletando informações, valorizando a memória coletiva, e eu acho que isso me deu a oportunidade de conhecer minha cultura, de saber que ela é importante, de forma que as práticas pedagógicas eram inerentes e coerentes com minha realidade, isso foi uma coisa que fez muita diferença para mim, e eu acho que esse foi o diferencial do curso se eu comparar com o curso de Biologia. Assim, eu destaco, ainda com relação ao ensino, pesquisa e extensão, que, por mais desafiador que tenha sido, possibilitou buscar conhecimento em diversos espaços.

A matemática está muito presente na biologia e esse foi um dos motivos pelos quais eu optei pela habilitação em Ciências da Vida e da Natureza, porque também havia outra habilitação, que era Linguagem e Códigos, e, ao optar pela primeira, eu pensava em vencer os obstáculos da matemática de vez, e hoje eu não posso dizer que eu consegui essa proeza, mas o curso me ajudou demais na matemática da biologia.

Eu vejo o curso de Licenciatura em Educação do Campo como um divisor de águas na minha vida, porque, em razão da formação humana e social, nos permitiu trabalhar muito a criticidade, e hoje eu tenho um outro olhar, que é resultado, não só das ciências humanas e sociais que oferecem uma gama de discussões, possibilidades, que traz o olhar para a nossa realidade, mas também porque eu pude ressignificar conceitos, ter um novo olhar sobre a sociedade e a comunidade.

E uma coisa que foi muito marcante para mim foi o PIBID Diversidade, pois eu pude trabalhar as memórias, histórias, o resgate dessa memória coletiva. Nós, por sermos da primeira turma, iniciamos esse trabalho, mas eu vejo a continuidade do trabalho com os alunos que entraram depois, e a gente continua trabalhando junto de certa forma, nas produções, nos eventos que acontecem na comunidade, aí você vê o sujeito da comunidade se sentindo importante, sentindo que ele tem valor,

há um reconhecimento da sua história, eu acho que a grande contribuição do curso, não só para mim, mas para a minha comunidade foi essa. Essa foi uma porta de entrada para muitos da minha comunidade estarem na universidade, sendo amparados com lugar para ficar e alimentação, e isso é muito importante para nós porque aqui é uma comunidade bem humilde, então isso seria impossível em outros momentos e a gente tem muitos jovens estudando lá no curso e isso foi muito importante para nós.

Nós, por sermos da primeira turma, tivemos um grande desafio, pois o curso ainda estava sendo implantado, era um projeto, a gente passou por situação de não ter onde ficar, e aí era aquela negociação toda, não conseguia comida, mas à medida que o curso foi se consolidando, vieram as verbas, as bolsas e isso ajudou muito e até hoje isso continua. Ainda hoje tem sido uma luta, mesmo sendo fornecida a alimentação, alojamento, teve turma que no módulo passado não conseguiu, já nesse módulo eu tenho certeza que todos conseguiram, mas enfim, é uma ajuda que faz toda diferença na vida da população do campo que é mais humilde. Mas eu penso que, com todo o suporte dado no curso, não tem desculpa, só se a pessoa não quiser continuar, além do que, por conta da pedagogia da alternância, tem gente que trabalha e vai nas férias estudar, então é pesado, puxado, porque são muitos trabalhos, o curso exige muito, o estudante tem que se desdobrar, mas ele não tem desculpa para não estudar, porque o curso se adapta à nossa realidade do campo e, se na cidade há grandes desafios, no campo, pela questão da distância, os desafios são muitos grandes também.

Entretanto, eu quero destacar o que eu acho que poderia ter sido diferente, como é o caso da formação interdisciplinar, e por isso nas turmas seguintes o curso sofreu alterações e essa foi uma reivindicação da nossa turma, pois foi muito puxado, e era muito pouco tempo para dar conta de todo o conteúdo. Por causa disso, o meu curso se estendeu para 6 anos, pois havia a necessidade de complementar com outros conteúdos e isso fez com que ele se estendesse. Também, por conta desse grande volume de conteúdo, a gente tinha que estudar muito sozinho, essa é uma coisa que eu sinto como uma dificuldade.

Já com relação ao que foi de grande contribuição para a minha formação, foi que eu tive professores de matemática que fizeram toda a diferença, que traziam uma matemática diferente, contextualizada. Havia sim alguns professores indiferentes, que não davam conta dessa percepção de contextualizar com nossa

realidade porque não era uma tarefa fácil. Mas os professores que tinham essa percepção, contribuíram muito e isso foi gratificante, porque eles traziam informações que eram do campo, mostravam a matemática presente em situações cotidianas, que era possível de ser aplicadas e, nos casos em que não era possível, eles também deixavam isso claro. Isso causou um certo desconcerto em alguns professores que ensinavam aquela matemática tradicional, desvinculada da realidade, e os próprios professores precisavam fazer mudanças nas suas práticas para se adequar ao curso, isso foi assim muito bom, porque eu acho que a gente aprende muito observando o outro, com aquilo que o outro oferece.

Eu tive um professor no curso que chegou a lançar um livro na época em que eu estava terminando o curso, era um livro de estatística para professores da educação básica, em conceitos e aprendizagem para a cidadania, e a maioria dos meus colegas adquiriu, porque é um livro que traz essa contextualização e é muito interessante ver um material sendo produzido e que a gente pode utilizar nas nossas aulas, sem falar que no PIBID também a gente produziu materiais que a gente podia usar dentro da sala de aula e que usa até hoje.

Eu sempre vi a matemática como um desafio, então, quando eu optei pela matemática, foi nesse sentido, ainda mais que eu já visualizava algumas dificuldades dentro da matemática na biologia, nos cálculos de genética, por exemplo. Havia desafios que ainda precisavam ser superados e, com o curso, isso foi possível, a gente estudou cálculo, estatística, então essa contribuição, para mim, foi muito boa. Tanto que eu cheguei a dar aula de matemática para os anos finais do Ensino Fundamental em um determinado período para cobrir licença de uma professora, mas eu não me atrevi a continuar, porque eu já estava inserida na biologia. Então, eu vejo que a grande contribuição foi essa, e se precisar futuramente lecionar matemática, é lógico que eu vou ter que estudar para lembrar muita coisa, mas eu me sinto capaz de enfrentar esse desafio e o curso de Licenciatura em Educação do Campo me possibilitou isso.

No que diz respeito às disciplinas de educação matemática, a dinâmica utilizada foi uma coisa que chamou a minha atenção, os professores chegavam dentro da sala com alguns problemas e a gente tinha que se reunir em grupos e resolver aquilo, e nós achávamos que não sabíamos, que não tínhamos o conhecimento necessário para resolver aquilo, mas, aos poucos, íamos desvendando e a gente via que, na verdade, aquilo não era um enigma tão grande,

mas a gente ia por outros caminhos, com o conhecimento que a gente tinha, e aí, depois, o professor formalizava a teoria. Algumas vezes, a gente não dava conta de resolver, mas essa forma de trabalhar a matemática, sem colocar tudo pronto e acabado, era um desafio que estava muito presente. Eu lembro também que nós estudamos muitas questões relacionadas ao cotidiano, questões de economia, por exemplo, não era somente a matemática nua e crua. Eu não sei como essas questões são abordadas nos cursos de Licenciatura em Matemática, mas, na Educação do Campo, os conteúdos são trabalhados todo o tempo de forma contextualizada.

Já nas disciplinas de Educação, as disciplinas contribuíram para o desenvolvimento da criticidade sobre a prática docente. Um exemplo disso foi um projeto que eu desenvolvi na marcenaria aqui da minha comunidade, que falava sobre cubagem de madeira. Meu professor me orientou e eu pude perceber como o povo do campo fazia com os conhecimentos deles, como é que eles faziam a cubagem de madeira e, aí, depois eu levei isso para as aulas, e tentamos encaixar isso dentro da teoria e ver os caminhos que eles utilizaram para chegar ao resultado. Então, eu acho que a pedagogia da Educação do Campo é muito rica e não deixou a desejar em nada na matemática. Um outro exemplo, já como professora, foi um projeto que teve no ano passado aqui que foi o Escola da Terra e eu era supervisora dele, era um projeto da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, e eu pude perceber que os professores da nossa escola conseguiram ver a importância do projeto, o quanto acrescenta na prática, e os trabalhos de matemática me encantaram, porque todos estavam relacionados com a realidade e de uma maneira muito simples, os professores conseguiram envolver os alunos e até as crianças menores conseguiram produzir conhecimentos e perceber a matemática nos mínimos detalhes.

Uma outra coisa que me chamou muita atenção no curso de Licenciatura em Educação do Campo e que me chocou de certa forma quando eu cheguei no curso foi a presença dos movimentos sociais, pois eu não venho de uma região de atuação desses movimentos e, para ser sincera, eu não tinha conhecimento dos movimentos sociais, a única coisa que tem aqui na minha comunidade é uma associação de pequenos produtores rurais, mas eu não entendia que isso era uma organização social, eu não tinha essa visão, mesmo tendo ajudado a minha mãe no curso dela, era algo que não ficou tão nítido para mim. Então, quando eu cheguei no

curso, a nossa turma era composta por três grupos distintos, os professores da educação formal, o pessoal da EMATER e o pessoal dos movimentos sociais.

Eu estudei com grandes lideranças, pessoas atuantes, que lutam pelos direitos dos povos do campo e de outras comunidades tradicionais, como os quilombolas e indígenas, e isso me deixava boquiaberta, pois eu pensava: “Nossa, tem gente que luta assim!”. E eu aprendi a ter um respeito muito grande, aprendi a abraçar essa causa, porque, por conta dos meus colegas dos movimentos, nós tínhamos acesso a notícias das ações que realmente eram realizadas e não somente a aquelas que a mídia costuma trazer sobre os movimentos. Eu tinha uma visão do MST que, depois, eu pude perceber que era uma visão deturpada e isso só foi possível porque a gente pôde ter contato com os movimentos, com lideranças que faziam um trabalho bacana. Eu tenho a consciência de que, em todo movimento, existem pessoas que não estão engajadas com a luta, mas, a partir do contato com essas pessoas, foi possível conhecer e respeitar a luta deles. Os meus colegas traziam notícias e dados que eles vivenciavam, eles tinham documentos, filmagens, eles traziam pessoas para poder mostrar como é que essa luta se dava. Então, no meu curso, os movimentos sociais estavam muito presentes e a gente não estudou os movimentos sociais só na teoria, eles estavam presentes no curso e isso foi muito bacana.

E, hoje, na minha comunidade, tem a turma que estuda na UFVJM, que tem uma organização em defesa do campo, isso ainda não é uma coisa tão consolidada, mas é algo que só foi possível por conta do curso. Nós também valorizamos a nossa comunidade, isso é possível de ser visto em ocasiões, como no desfile de 7 de setembro, em que exibimos as coisas da nossa comunidade, é um patriotismo muito local, eu acho isso muito bonito, e o tempo todo nós tentamos incentivar as outras pessoas que elas também podem fazer o mesmo, que a gente pode fazer o melhor com a natureza, com o meio ambiente, que a gente tem que confrontar aquilo que mata a vida, não de uma maneira cega, igual muita gente tem em seu discurso, pois nós temos a consciência de que é importante o progresso, a tecnologia, mas é preciso o equilíbrio, e temos que ir nessa linha de como buscar o equilíbrio, é assim que a gente trabalha aqui e é um desafio.

Eu finalizo a minha fala ressaltando que, apesar de muitas pessoas acharem que talvez pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo acontecer sob pedagogia da alternância, o curso deixe a desejar, por isso eu acho que é preciso

quebrar com esse preconceito. A gente que é do campo quer estudar e por que não abrir um curso de mestrado com a pedagogia da alternância, e eu me pergunto: “Será que isso é impossível? ”; A gente sente a necessidade de a universidade estar mais presente no campo e isso é uma fala que não é minha, eu faço parte do conselho consultivo da Educação do Campo da UFVJM e isso é uma fala nossa lá; não é uma fala só minha. Os professores do campo querem estudar sim, querem estar inteirados, querem ter direito a uma boa formação continuada e que contribua realmente para a formação. Essa é uma fala que eu ouço muito no meu ambiente de trabalho.

TEXTUALIZAÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA

Colaboradora: Priscila Prestes do Prado

Data da Entrevista: 29 de março de 2018.

Meu nome é Priscila, eu sou da primeira turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, do câmpus de Dois Vizinhos, me formei em 2015. No primeiro após a minha formação, eu não consegui aula e somente fui conseguir aula em 2016. Eu trabalhei como professora temporária na rede estadual de ensino do Paraná em 2016 e 2017, porém este ano, eu não estou atuando por falta de aula.

Quando eu entrei no curso de Educação do Campo, eu acho que uns 60% da turma não tinha relação com movimentos sociais ou sindicatos. A maioria dos alunos morava no campo ou os pais trabalhavam no campo. Então, a minha relação com o campo se dá pelo meu pai trabalhar no campo. Eram poucos os que foram indicados pelo sindicato ou que participavam de movimentos sociais, sendo que, desse grupo de alunos ligados aos movimentos, a maioria acabou desistindo no começo ou no meio do curso.

No início eu até me assustei, porque era muito pouco conhecida a proposta da Licenciatura em Educação do Campo, e quando foi divulgado o vestibular, eu vi como uma oportunidade, já que, na época, havia bastante benefícios de estudar na Licenciatura, mas eu não sabia realmente como funcionava o curso e acabei sabendo somente quando eu fui estudar.

Não era a minha ideia fazer uma Licenciatura, tanto que eu cheguei a prestar vestibular em faculdade particular, mas a gente que é do interior, de cidade pequena, muitas vezes acaba não sabendo das possibilidades de estudo. Eu estava fazendo simulado do ENEM, quando tive a informação sobre o curso de Licenciatura na área de Ciências Agrárias e Ciências da Natureza e Matemática. O curso fornecia alojamento, uma bolsa de R\$ 400,00, almoço e jantar. Como eu sou de família humilde e, para ser sincera, acabei indo estudar por conta dos benefícios oferecidos, além de que se tratava de um curso oferecido por uma universidade federal, não teria que pagar para estudar, eu não queria sacrificar minha família, e como meu pai queria que eu fizesse um curso superior, eu e mais outras quatro pessoas do meu município fomos prestar o vestibular. O pessoal do município acabou ajudando, incentivando a gente a ir e, após ser aprovada na seleção, eu fiz a minha matrícula e iniciei o curso mesmo sem conhecer direito a proposta.

No último ano do curso, eu acabei conseguindo um emprego como caixa de uma pizzaria no período noturno, porque o curso já não estava tão puxado como no começo. Porque, no início do curso, por sermos da primeira turma, a gente acabou servindo de “cobaias”, nos horários e dias de aula, já que, por se tratar de um curso que funcionava em regime de alternância, a gente acabou experimentando propostas que fossem mais adequadas. Por conta disso, o primeiro ano foi difícil, chegamos a ter aulas até às 23h30, em razão do método diferente de convivência e discussão e, por conta disso, não era possível trabalhar e estudar, aí somente no último ano foi possível conseguir um emprego.

Daí, quando me formei, acabei saindo do trabalho de caixa da pizzaria, porque achei que iria conseguir pegar aulas, porém acabei não conseguindo lecionar no ano de 2015 e, então, eu consegui um trabalho como secretária em uma escola de idiomas, na qual trabalhei até final do ano de 2015, quando acabei sofrendo um acidente e precisei me afastar do emprego. Nesse período em que fiquei afastada, eu fui chamada para dar aula na rede estadual de ensino e, em 2016, comecei a trabalhar em uma escola do campo que eu já conhecia e que eu havia desenvolvido atividades de iniciação à docência (PIBID), no município de São Jorge¹², que faz divisa com o município de Dois Vizinhos¹². Eu trabalhei o ano inteiro nesta escola e foi um ano ótimo, porque eu quase consegui fechar a minha carga horária de 40 horas no estado, trabalhando em 3 escolas do campo do município de São Jorge.

¹² Município brasileiro localizado na Mesorregião Sudoeste Paranaense, interior do Estado do Paraná.

No ano de 2017, com a redução da hora-atividade, eu comecei com apenas 5 aulas semanais em uma escola do campo e daí, conforme foi passando o tempo, eu fui conseguindo mais aulas e fechei com uma carga-horária de 32 horas, desta vez, trabalhando entre escola do campo e escola urbana. Agora, neste ano de 2018, eu estou sem trabalhar ainda e estou vivendo com as economias que tinha, mas eu não vou esperar ser chamada pelo estado este ano, pois já tenho novas oportunidades de emprego, visto que acabei me mudando de cidade por razões familiares e, por consta disto, o Núcleo Regional de Ensino é outro e aqui a possibilidade de conseguir aula na minha área de formação é ainda menor, pois os professores de outras disciplinas acabam pegando Matemática pra completar a carga-horária, porque há um número reduzido de aulas.

No início, quando eu consegui aula, eu achei que podia ficar tranquila e que não ficaria fora da sala de aula. Até o discurso dos professores durante a graduação sempre era de que faltava professor, que a gente iria conseguir emprego, que tem bastante vaga nesta área de Matemática, e mesmo como PSS, a gente nunca iria ficar sem emprego. Só que o que os professores não sabem é que a concorrência é grande, quando você sai, se você sai só com a graduação, a chance de pegar aula é quase nula, é muito difícil, no máximo você só vai substituir alguém. Hoje, com a diminuição de hora-atividade aqui no Paraná, a situação piorou ainda mais, todo mundo fazendo curso de especialização, muitas vezes só para ter o título, porque conta na pontuação, você é classificado por isso, somente pela sua graduação e a quantidade de pós-graduação.

Desta forma, eu sinto muita dificuldade para conseguir aulas, porque é tudo muito competitivo. Todo ano você nunca sabe em que colocação você vai ficar, porque, às vezes, você tem uma Pós-Graduação, mas o professor que estava atrás de você na classificação já está fazendo duas e, no ano seguinte, ele vai estar melhor classificado que você.

Outra situação, que até me fez rir, é que um dia desses se você vai tentar um outro emprego que não seja como professor e põe lá no seu currículo que você é formada em Licenciatura e trabalhou dando aulas no Estado, você acaba não conseguindo a vaga, pois ou você não é bom o suficiente para o cargo ou você é bom demais para o cargo. Uma vez eu ouvi um empregador que me disse assim: “Olha eu tenho essa vaga só que o que eu pago, o que eu vou pagar não é suficiente para sua formação”. É como se a minha formação fosse demais para

trabalhar naquela vaga, para aquele salário. E aí ele continuou: “Eu gostei do seu currículo, mas você não se encaixa, porque eu não pago muito”. Parece que a pessoa formada em um curso de Licenciatura só serve para dar aulas, parece que você não é capaz de fazer outra coisa, você não se encaixa em outra coisa. Então, eu sinto muita dificuldade em relação a isso, nós professores, agora sem essa oportunidade de aulas com a redução das horas-atividades, não conseguimos outros empregos.

No que diz respeito à minha visão do curso, eu vejo que foi muito difícil, foi uma batalha psicológica, porque, como o nosso curso tinha o envolvimento dos movimentos sociais, principalmente do MST, nós éramos cobrados demais para levantarmos a bandeira das lutas do Movimento, além de sermos cobrados quanto aos conteúdos matemáticos para que pudéssemos ser capazes de ensinar nossos futuros alunos, a gente tinha que estar envolvido com a realidade deles. Então, a gente era muito cobrado quanto à participação em qualquer evento que envolvesse educação do campo, os movimentos sociais, e a cobrança foi tanta que, no final, acabamos formando aproximadamente vinte alunos. Nós éramos cobrados a levantar a bandeira dos movimentos, mesmo que nunca tivesse participado de movimento nenhum, apesar de que eu respeito a luta deles.

Outro ponto é que a maioria dos nossos professores na universidade, nunca entrou numa escola do estado para dar aula, muito menos trabalhou em uma escola do campo, todos eram bons, muito inteligentes, sabiam falar muito da educação do campo, mas ninguém sabia da prática. E, hoje em dia, se você entra numa escola do campo, mesmo que a maioria das escolas do campo só tenha o nome de escola do campo, não consegue praticar o que realmente aprende na faculdade, como uma escola do campo tinha que realmente ser quanto à organização, muitas das escolas só têm o nome e estão localizadas no campo, porque a gente conheceu várias escolas de assentamento, escolas indígenas, quilombolas, e sabemos que a organização delas é diferenciada, principalmente as escolas em que eu trabalhei, elas não se diferenciam das escolas urbanas.

Entretanto, havia uma cobrança tanto da universidade quanto dos movimentos sociais em se praticar a proposta, tanto é que o PIBID sempre foi feito em escolas do campo, só que, quando nós chegávamos com uma ideia diferente que é o intuito do curso, uma ideia de prática diferente na escola, a direção falava que não daria tempo, o discurso dos professores era que eles tinham muito

conteúdo e não daria tempo para fazer a prática, ou ainda que iria dar certo porque os alunos não são dedicados e isso acabava impedindo a gente dentro da escola, entretanto, nós éramos muito cobrados na realização dessas práticas.

No final de cada mês, nós éramos cobrados a apresentar os resultados do PIBID, no qual era necessário apresentar o que estava sendo feito, como as práticas estavam sendo realizadas, como era o projeto, qual era o andamento do projeto e sempre havia alguém do MST para assistir, além dos coordenadores do PIBID, os coordenadores do PIBID na escola, e a gente era cobrado, mas, às vezes, a gente não tinha uma abertura na escola dos professores para a gente fazer o que nos era cobrado. Então foi difícil. Acho que, por sermos da primeira turma, pois depois eu trabalhei em uma escola e eu recebia os pibidianos das turmas que vieram depois da minha e eles não eram tão cobrados como a gente era.

Entretanto, o trabalho realizado durante o curso quanto à temática da educação do campo me fez sentir preparada para entrar em sala de aula. Eu trabalhei em uma escola do campo, a Escola Pio X, em São Jorge¹², que, a exemplo da Escola Iraci Salete Strozak, que é uma escola muito engajada na proposta da Educação do Campo, apesar de se perder em alguns momentos, segue muito a proposta da Educação do Campo. Daí, às vezes, eu via os outros professores se assustarem com a proposta da diretora e havia uma cobrança para que os professores sempre fizessem algo diferente em sala de aula que envolvesse a Educação do Campo. Os alunos acabavam participando de eventos de Educação do Campo, faziam mística, e a diretora era bem firme nesse sentido, e os colegas se assustavam com a proposta e eu não, porque já estava acostumada com aquela realidade, eu vivi aquilo. Então, eu pude contribuir com essas questões na escola, eu trabalhei lá os dois anos, os dois anos que eu trabalhei como PSS eu trabalhei nessa escola e pude contribuir, e foi o curso de Licenciatura que eu fiz que me proporcionou isso. Era uma escola que eu tinha o prazer de trabalhar, eu gostava, pois tinha a oportunidade de exercer tudo o que eu aprendi no curso sem receber críticas por estar fazendo um trabalho diferente, já que era aquilo que, de fato, a direção queria e, assim, eu podia esclarecer coisas para os meus colegas de profissão, ajudar eles, isso foi muito bom.

As disciplinas específicas da Matemática também contribuíram muito para a minha formação, mas eu acredito que a gente aprende a ser professor na prática. No início, o trabalho como professor chega a assustar um pouco, a insegurança é

grande e parece que não vamos conseguir dar conta, mas, aos poucos, vamos conseguindo melhorar as práticas em sala de aula, e isso só é possível pela convivência com os alunos, que faz com que enxerguemos diferentes formas de ensinar, formas que o aluno aprenda com mais facilidade. Na universidade, nas disciplinas de Matemática, os professores faziam a gente dar aula dos conteúdos, só que era um momento de muito nervosismo, aquilo parecia o fim do mundo e, agora, eu entro tão leve em sala de aula e isso só é possível com a prática em sala de aula, aqueles conteúdos, já vistos de trás para frente, contribuíram bastante, mas eu creio que a gente sai despreparado da faculdade e só vai aprender mesmo na prática.

Nas disciplinas de Educação, a gente aprendia muito sobre as escolas do campo, a história da Educação do Campo, como surgiu, como é o cenário atual, quais as escolas do campo existentes pelo Brasil, o funcionamento dessas escolas, que ela começou como sendo aquela escola rural multisseriada.

E, nas disciplinas de Educação Matemática, a gente aprendeu a olhar para a realidade do aluno, então, se a gente fosse trabalhar em escola indígena, quilombola, escola de assentamento, de acampamento, a gente tinha que olhar a realidade do aluno e tentar envolver aquele conteúdo com a realidade dele. Esse processo de conhecer a realidade do aluno era tão importante durante o curso que, durante a graduação, nós visitamos, uma escola quilombola para ver como funciona, escola indígena, escolas de acampamento, de assentamento. Nós íamos a essas escolas, conhecíamos as crianças e conversávamos com os professores. Isso foi tão marcante para mim que este ano eu fui a uma escola indígena, porque eu queria trabalhar com indígenas, mas só tivemos oportunidade de visitar e eu quero ter essa prática, eu quero ver como isso funciona, eu quero trabalhar com essas pessoas, essa é a minha intenção.

A colheita de 2017/2018 terminou, mas saliento que não é o fim. Essa foi apenas uma das colheitas e é fato que muitas outras estão acontecendo enquanto você, caro leitor, está terminando a leitura deste texto que apresenta os registros deste jovem agricultor que vos fala.

Eu também tenho esperança de que muitas outras colheitas virão em breve, ainda mais porque este é um ano de escolhas das nossas lideranças no país¹³ e apesar de estar descrente perante o corte de recursos financeiros, que mantêm os cursos de licenciaturas em Educação do Campo e demais eixos do Pronacampo, praticados pelo atual (des) Governo Federal, eu acredito que tempos melhores virão e teremos colheitas ainda mais produtivas.

¹³ Em 07 de outubro de 2018 ocorrerão as eleições para Presidente e Vice-Presidente da República, Governador e Vice-Governador de Estado e do Distrito Federal, Senador, Deputado Federal, Deputado Estadual e Deputado Distrital.

BALANÇO DA COLHEITA: E AGORA, O QUE FICA DOCUMENTADO?

Eu decidi finalizar os registros aqui apresentados com uma narrativa, destacando aquilo que me salta aos olhos, no intuito de propiciar reflexões relativas à formação de professores nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e aquilo que a cerca.

Para escrever a história, apresentada aqui em forma de narrativa, me debruço nas fontes históricas que tive acesso durante a pesquisa, fontes essas compostas pelas informações presentes nos editais dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, os documentos orientadores da Educação do Campo, o levantamento dos cursos em atividade no país e as fontes orais transformadas em fontes escritas (as textualizações). Assim...

Início, me ocupando dos relatos da vivência de alguns egressos, que me conduzem a cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática. Eles são personagens de uma história de muitas lutas travadas pelos Movimentos Sociais do Campo há muito tempo, mobilizações e bandeiras levantadas em busca de um Brasil popular e democrático.

A luta ganhou força, quando, entre os dias 27 a 31 de julho de 1998, no município de Luziânia, Goiás, um evento nacional foi realizado com o objetivo de discutir a necessidade de uma educação que valorizasse o povo do campo. A primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo reuniu diversos segmentos da sociedade, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO) e a Universidade de Brasília (UnB).

Os desdobramentos das discussões iniciadas na I Conferência foram a criação de Programas Nacionais como o Pronera, criado por meio do Decreto Nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, o Pronacampo, instituído por meio da Portaria Nº 86 de 1º de fevereiro de 2013 do Ministério da Educação e o Procampo, por meio da Resolução Nº 06 de 17 de março de 2009, destinados a ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo.

Esses programas estabeleceram princípios envoltos à educação do campo e as ações a serem realizadas, os órgãos responsáveis pela execução e os recursos destinados para alcançar os objetivos estabelecidos.

No caso do Procampo, algumas ações anteriores à criação do programa já funcionavam como projetos-piloto, por meio dos cursos de Pedagogia da Terra; entretanto, viu-se a necessidade de ampliar a oferta de cursos para atendimento de necessidades de licenciatura específicas.

O Procampo tinha como objetivo principal apoiar a implementação de cursos regulares de Licenciatura em Educação do Campo nas Instituições Públicas de Ensino Superior de todo o país, voltados especificamente para a formação de educadores para a docência, na segunda fase do ensino fundamental (quatro anos finais) e no ensino médio, nas escolas do campo. O resultado disso foram dois editais de seleção de instituições públicas que tivessem interesse em ofertar esses cursos.

O primeiro edital do Procampo foi lançado em 2009 e selecionou 30 instituições (federais, estaduais e municipais), que foram divididas em três eixos temáticos: I. Implantação de cursos de Licenciatura no Procampo – novos cursos; II. Manutenção de turmas do Procampo – cursos em andamento; III. Abertura de novas turmas do Procampo – cursos em andamento. O segundo edital do Procampo, lançado em 2012, selecionou 44 instituições de ensino para a criação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

Tanto o edital de 2009 quanto o de 2012 trouxeram somente as instituições de ensino que foram selecionadas e as condições necessárias para o firmamento dos convênios com o Governo Federal, assim, para saber quais cursos de fato iniciaram e quais deles ofertavam a habilitação em matemática, foi necessário um levantamento iniciado por Línlya em 2013 e atualizado em 2017 por mim, tomando como fonte o site e-MEC e as páginas *web* dos cursos.

O resultado do levantamento mostrou que, até outubro de 2017, 36 cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática estavam em funcionamento no país, sendo que a maioria deles estava concentrado nas regiões Norte e Nordeste.

Os cursos, apesar de serem relativamente novos, já possuem egressos que estão ou deveriam estar atuando em escolas do campo, entretanto, não há registros históricos do trabalho realizado pelos profissionais que se formaram nesses cursos.

Adilson, Ângela e Priscila são pessoas que tiveram oportunidade de ingressar em cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Matemática criados por meio das políticas públicas explicitadas anteriormente e

concordaram em compartilhar suas experiências vividas no campo, no curso e após, já como professores.

Eles não se conhecem e vivem em regiões do país distantes geograficamente. Adilson é natural do município de Nova Cantu-PR, estudou na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro), câmpus Santa Cruz, no município de Guarapuava e se formou na primeira turma do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação no Campo.

Distante dali 295 quilômetros, Priscila, moradora do município de São Jorge D'Oeste-PR, foi buscar o sonho de um diploma no curso de nível superior na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), câmpus Dois Vizinhos, é também aluna da primeira turma, se formou no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

Os dois paranaenses trazem algo em comum em seus discursos quando perguntados sobre os caminhos que os levaram a buscar um curso de Licenciatura em Educação do Campo: a vida humilde de morador da zona rural do interior.

Para os dois, o curso não foi bem uma escolha, mas sim uma oportunidade de um diploma em curso de nível superior. Até então, eles não conseguiam vislumbrar a realização desse sonho já que a vida no campo e a falta de condições para se manter em um curso distante de onde moravam os impediam.

Assim, com a criação desses cursos por meio do Procampo, que além de terem como base a pedagogia da alternância¹⁴, e que possibilitava estudar e se manter no campo ajudando a família, eles podiam contar com alojamento e auxílio financeiro para se manterem no curso.

Um pouco mais distante, Ângela, uma professora de Biologia, moradora da zona rural do município de Itamarandiba, interior de Minas Gerais, formada em Ciências Biológicas em um curso emergencial ofertado pela Universidade Estadual de Montes Claros, viu no curso de Licenciatura em Educação do Campo uma oportunidade de buscar uma formação que permitisse melhorar suas práticas na escola do campo em que ela já estava atuando.

Ângela ficou sabendo na própria escola em que já atuava da existência do curso de licenciatura ofertado pela Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri e resolveu encarar o desafio da segunda licenciatura. Ela, assim como

¹⁴ A Pedagogia de alternância intercala um período de convivência na sala de aula com outro no campo para diminuir a evasão escolar em áreas rurais.

Vagner e Priscila, também se formou na primeira turma de um curso do Procampo e disse que o curso foi um divisor de águas na sua vida profissional.

Ao serem questionados sobre as oportunidades ou dificuldades de trabalho que eles puderam perceber enquanto professores formados em um curso de Licenciatura em Educação do Campo, quase como em um coro, eles respondem que há uma certa resistência no reconhecimento do diploma, mesmo que este seja expedido por uma instituição credenciada pelo MEC.

Adilson atua na Escola Milton Santos, que é um Centro de Educação em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável dos Movimentos Sociais Populares do Campo, no município de Maringá, e diz que só não sente essa dificuldade de reconhecimento do diploma porque não atua em uma escola tradicional mantida pelo Governo do Estado do Paraná, mas seus colegas da graduação sempre relatam essa dificuldade nas seleções para professores no Processo Seletivo Simplificado (PSS) da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e também em concursos públicos para docentes.

Já Priscila, que atuou por dois anos como professora temporária em escolas do campo, atualmente está fora de sala de aula. Ela destaca que a redução da hora-atividade¹⁵ imposta pelo governo fez com que os professores concursados tivessem que assumir mais aulas para completar a carga-horária e isso refletiu no número de vagas disponibilizada na seleção do PSS e, conseqüentemente, a impediu de dar aulas este ano.

Sobre a dificuldade no reconhecimento da formação nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, é notável que durante a elaboração das ações afirmativas apresentadas nos programas do Governo Federal que eram voltadas para a educação do campo, não foram pensadas estratégias de atuação nas secretarias de educação que reconhecessem o profissional formado nesses cursos de forma a criar condições para que eles pudessem se inserir nas escolas do campo.

Apesar do não reconhecimento, muitas vezes por parte do próprio governo, quanto à formação por área de conhecimento, os três entrevistados destacaram a importância dessa formação.

¹⁵ “A hora-atividade [é] destinada ao professor em exercício de docência para estudos, planejamento, avaliação e outras atividades de caráter pedagógico será cumprida no mesmo local e turno das aulas” (PARANÁ, 2017).

Um exemplo disso pode ser observado na fala de Ângela, quando ela destaca que houve uma formação básica, uma específica e ainda práticas integradoras. Como era a primeira turma, como fazer essa integração não ficava claro nem mesmo para a universidade e a grande quantidade de conteúdo a ser tratado deixou o curso um tanto “pesado”, porém permitiu aos alunos protagonizar muita coisa, muito conhecimento foi produzido e o conhecimento da comunidade foi valorizado nas aulas.

A forma diferenciada de condução do curso, buscando a valorização do campo e a contextualização do trabalho dos conteúdos com a realidade local causou um certo abalo na forma de trabalhar dos professores do curso, visto que eles estavam atuando em um curso com uma proposta nova e que não se enquadrava nos moldes de formação que eles tiveram.

Ao meu ver, a formação por área de conhecimento fez com que a universidade refletisse o modo de se ensinar, nesse ponto os cursos de Licenciatura em Educação do Campo colaboraram para que os professores repensassem suas práticas. Inicialmente, isso causa um certo incômodo, justamente porque mexe muito com as caixinhas de disciplinaridades. Apesar disso, os entrevistados afirmam que havia um esforço enorme dos professores para tentar atender a essas especificidades.

Outro ponto muito forte presente na fala dos egressos foi a presença constante dos movimentos sociais dentro das universidades. Isso não era motivo de estranheza para Adilson, que já vinha do MST, mas foi algo que causou um pouco de espanto em Ângela e Priscila.

Entretanto, eu vejo a reação de espanto das duas egressas como algo normal, visto que, de uma forma, nós estamos às margens da luta dos movimentos sociais e, muitas vezes, as informações que temos é dada pela mídia que, na maioria das vezes, é tendenciosa quando só mostra situações que diminuem os movimentos.

Nós sabemos que, em qualquer organização, há pessoas que não estão engajadas na luta e que, às vezes, acabam manchando a reputação dos demais que realmente lutam pela causa. Assim, com a presença forte do MST nos cursos, foi possível para Ângela e Priscila conhecerem muitas das ações realizadas.

Priscila, um pouco mais contida, disse que a presença constante dos movimentos e a ideia do pensamento coletivo gerava uma certa cobrança da

universidade em ações pautadas na proposta da educação do campo que tinham que ser executadas nas comunidades e que, muitas vezes, as escolas não permitiam, alegando que não daria tempo pois era preciso cumprir o currículo. Em geral, as escolas somente estavam localizadas no campo, mas a essência era de uma escola urbana.

O curso proporcionou a Ângela a oportunidade de estudar com lideranças do MST, isso permitiu que ela conhecesse mais de perto o trabalho realizado e fez com que ela mudasse sua visão sobre o movimento.

No tocante às disciplinas de matemática presentes no curso, meu objetivo era saber como elas contribuíram para a formação dos egressos; nesse sentido, a fala de Adilson me chamou muito a atenção quando ele diz que apesar das dificuldades de algumas disciplinas, principalmente as das áreas exatas, em relacionar o conteúdo com situações da realidade do campo, os professores do curso da Unicentro que lecionavam no curso de Licenciatura em Educação do Campo sempre tiveram esse cuidado.

Do mesmo modo, o professor, não somente o da escola do campo, precisa pensar em como relacionar o conteúdo com a realidade do aluno.

Nesse sentido, as disciplinas de educação e educação matemática puderam contribuir para o estabelecimento da relação conteúdo/realidade do campo, como destacou Priscila, ao dizer que isso só é possível pela convivência com os alunos, que faz com que o professor enxergue diferentes formas de ensinar, formas que o aluno aprenda com mais facilidade.

Esse discurso é reforçado por Ângela, ao dizer que as disciplinas de educação matemática permitiram trabalhar a matemática sem colocar tudo pronto e acabado, era um desafio que estava muito presente.

O mesmo pensamento é compartilhado por Adilson, ao afirmar que foram vários exercícios nesse sentido na licenciatura, essa coisa de você trabalhar a matemática como uma coisa presente no seu cotidiano trouxe resultados muito satisfatórios.

Por fim, eu vejo que os professores que conseguiram se inserir em uma escola do campo puderam mostrar, por meio do trabalho realizado, que, mesmo com a diversidade de conteúdos que precisavam ser esgotados durante o curso e, ainda, apesar da falta de reconhecimento do diploma com a justificativa da carga-horária das disciplinas específicas inferior à dos cursos de matemática, o professor formado

em um curso de Licenciatura em Educação do Campo sai com o compromisso de fazer uma educação, que não se limita a apenas aquilo que foi visto na universidade, ele busca alcançar aquilo que ainda falta para que sua prática seja cada vez melhor.

E o que me faz acreditar que isso de fato acontece é que, mesmo depois de formados, os professores mantiveram algum tipo de vínculo com a universidade, seja acompanhando os alunos nas suas aulas, fazendo parte de algum projeto como coordenador, ou ainda, nas palavras de Ângela, ao salientar a necessidade da universidade estar mais presente no campo, sugerindo até que poderia, assim como a graduação, haver mestrados nos moldes da pedagogia da alternância.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Línlya Natássia Sachs Camerlengo de. **Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo**: questões sobre currículo. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2014.

_____. Sobre Trazer a “Realidade” para as Aulas de Matemática na Educação do Campo: O que Algumas Pessoas têm a Dizer. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 8., 2015, Pirenópolis. **Anais...** Pirenópolis, 2015, p. 1-12.

BRASIL. Decreto n. 7.480, de 16 de maio de 2011. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores (DAS) e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação e dispõe sobre remanejamento de cargos em comissão. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 maio 2011.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Manual de Operações** – Edição revista e atualizada. Brasília: MDA, 2004.

_____. Ministério da Educação. Portaria n 86, de 1 de fevereiro de 2013. Institui o Programa Nacional de Educação do Campo - PRONACAMPO, e define suas diretrizes gerais. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, 4 fev. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Nota técnica conjunta Nº 3/2016/GAB/SECADI/SECADI**. Brasília, DF, 27 abr. 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=39261-nt-conjunta-03-2016-setec-sesu-secadi-pdf&category_slug=abril-2016&Itemid=30192>. Acesso em 19 set. 2017.

BORGES, Larissa Gehrinh; SACHS, Línlya. Plano de Estudos e Aulas de Matemática: ideias para o Complexo “produção de alimentos” das Escolas Itinerantes. In: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2017, Cascavel. **Anais...** Cascavel: SBEM Paraná, 2017. p. 1-16.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO. Documentos Finais. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma Educação do Campo**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 161-164.

COSTA, Marisa Vorraber. Introdução: Novos olhares na pesquisa em educação. In: _____. (Org.) **Caminhos Investigativos**: Novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 7-17.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2011, Covilhã. **Anais...** Covilhã, 2011. p. 1-12.

_____. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Panorama da educação do campo**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

KNIJNIK, Gelsa; DUARTE, C. G. Entrelaçamentos e Dispersões de Enunciados no Discurso da Educação Matemática Escolar: um estudo sobre a importância de trazer a “realidade” do aluno para as aulas de matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 23, n. 37, p. 863-886, dez. 2010.

MARTINS, Fernando José. A Pedagogia da Terra: os sujeitos do campo e do ensino superior. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, n. 36, 2012, p. 103-119.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **Escolas Agrícolas e Educação Matemática: histórias, práticas e marginalidade**. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

PARANÁ. Resolução nº 113, de 16 de janeiro de 2017. Regulamenta a distribuição de aulas e funções aos professores do Quadro Próprio do Magistério – QPM, do Quadro Único de Pessoal – QUP e aos professores contratados em Regime Especial nas Instituições Estaduais de Ensino do Paraná. **Diário Oficial Paraná**, Curitiba, 23 jan. 2017.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História Oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Charlene Araújo. **A formação de professores para a educação do campo**: estudo epistemológico sobre a produção de conhecimento na área. 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.

SANTOS, Gilvan. A Educação do Campo. In: SANTOS, Gilvan. **Cantares da Educação do Campo**. São Paulo: MST – Setor de Educação, 2006a. 1CD. Faixa 1.

_____. Não Vou Sair do Campo. In: SANTOS, Gilvan. **Cantares da Educação do Campo**. São Paulo: MST – Setor de Educação, 2006b. 1CD. Faixa 6.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo, desigualdades sociais e educacionais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 745-763, jul./set. 2012.

APÊNDICE

Apêndice A – Carta de Cessão de Adilson



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Cornélio Procopio



CARTA DE CESSÃO

Maringá/PR, 04 de Junho de 2018

Eu, Adilson Vagner de Matos RG nº 11.066.033-2 declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 20 de fevereiro de 2018, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Jader Gustavo de Campos Santos e Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura

Apêndice B – Carta de Cessão de Ângela



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Cornélio Procópio



CARTA DE CESSÃO

Padre João Afonso, 22 de maio de 2018.

Eu Ângela Rita Teixeira, RG nº MG 12-799.138, declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 21 de fevereiro de 2018, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Jader Gustavo de Campos Santos e Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro que eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Ângela Rita Teixeira

Assinatura

Apêndice C – Carta de Cessão de Priscila



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Cornélio Procopio



CARTA DE CESSÃO

Rato Branco, 05 de maio de 2018

Eu Priscila Prestes do Prado, RG nº 12.648.282-5, declaro para dos devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada no dia 29 de março de 2018, transcrita e elaborada sob forma de texto, para Jader Gustavo de Campos Santos e Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle às pessoas supracitadas, que têm em sua guarda, ou a outro eles possam vir a determinar. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Priscila Prestes do Prado

Assinatura